

MUSEU AFRO-BRASIL-SUL (MABSUL) – O PÚBLICO MUSEAL

MATHEUS BORGES; RENAN GOMES LEMOS
ROSEMAR GOMES LEMOS

Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – borgesmatheus045@gmail.com
Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – renan.glemos@outlook.com
Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – rosemar.ufpel@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A partir do momento em que decidiu-se por criar o Museu Afro-Brasil-Sul (MABSul), o intuito era colaborar com fatores da representatividade racial no sul do Brasil (CORRÊA, 2020). O negro sempre foi representado na visão colonial como escravo subjugado (SANTOS, 2015). Logo, acredita-se que o ponto mais importante a ser considerado é o que as pessoas têm interesse em ver dentro do patrimônio de um museu com temática racial abordado diferentemente do que tem sido tradicionalmente mostrado. Partindo dessa ideia foi desenvolvida essa pesquisa de opinião dentro de uma rede social pela professora universitária e coordenadora do projeto de pesquisa e extensão MABSul, Drª. Rosemar Gomes Lemos e o aluno graduando em Artes Visuais Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Matheus Borges.

Com esta intenção, determinou-se essa investigação buscando verificar se os 6 temas definidos pelo grupo de pesquisadores do museu virtual para constituir o acervo, iriam ser confirmados pelas respostas da pesquisa junto a comunidade onde MABSul está sediado. Inicialmente foi definido pelos pesquisadores do museu, temas a serem abordados na criação do acervo digital, na forma de coleções esses temas foram: Clubes negro, história, artistas, benzedeiras, negros que se tornaram nome de rua, carnaval e candomblé, culinária, religião, inventores e cientistas negros, e aceitação e interação.

Então postou-se no perfil do Facebook de alguns pesquisadores a pergunta: O que você gostaria de encontrar ao visitar um museu que aborda a cultura negra sul-brasileira? A enquete foi compartilhada em um grupo da mesma rede social, o qual vem sendo muito usado no período da pandemia, um espaço virtual onde a comunidade acadêmica da UFPel se atualiza sobre o que acontece. A pesquisa também foi compartilhada na fan page do Seminário da Consciência Negra de Pelotas (SECONEP). E, em todas páginas a mesma pergunta foi feita. Desejava-se descobrir o que o público-alvo do museu estaria interessado em conhecer.

2. METODOLOGIA

Primeiramente para chegarmos no resultado final desta pesquisa quantitativa, é necessário fazer um recorte, incluindo nele um número específico de pessoas. A página do SECONEP tem o número de 1.072 seguidores, considerando o que seria o público-alvo usado no desenvolvimento de conteúdo para um museu. Então como apresentado na introdução, colaboraram os professores, Jose Luís de Pellegrin e Luiz Veríssimo além do museólogo Matheus Cruz, a comunidade acadêmica da UFPel e os seguidores da página SECONEP. Todavia, somente no grupo da universidade e no perfil da Professora PhD Rosemar Gomes Lemos a pergunta foi respondida.

De posse das respostas, estas foram organizadas em uma planilha de excel, a qual foi dividida nas seguintes colunas: Nome, onde registrou-se o nome da pessoa que respondeu à pergunta; Etnia, buscando verificar que grupo étnico se fez presente na pesquisa em maior proporção; Assunto, onde foram registradas as respostas e definidas palavras-chave, Local, onde foi registrado de que perfil foi extraída a resposta (dos professores elencados na introdução, na página do SECONEP ou do grupo da comunidade UFPel). A seguir verificamos os totais e porcentagens resultantes no que se refere aos temas sugeridos e etnia dos participantes.

Todas as respostas foram recebidas entre uma sexta-feira do mês de agosto e domingo (dias de maior público nas redes sociais), ou seja, a pergunta foi disponibilizada aos usuários por um período de 72 horas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como resultado tivemos diversas opiniões que informaram o que as pessoas mais gostariam de ver em um museu, permitindo acreditar que parte do objetivo da pesquisa foi alcançado. Tendo êxito nas respostas, percebeu-se que foram coletados dados de várias regiões do Brasil e de cidadãos que pertencem ao público da região sul, presente nas pesquisas feitas pelo MABSul.

No que se refere aos assuntos apresentados pelos usuários da rede social e que agrupamos conforme a palavra-chave, obtemos: a porcentagem para clubes negros, de 4,3%. História, com a porcentagem de 17,4%. Artistas, 21,7%.

Enquanto aos grupos de respostas das benzedeiras, negros que se tornam nome de rua, carnaval/candomblé e culinária, aceitação e interação a porcentagem de 4,3% se repetiu. Já as temáticas: inventores/cientistas negros e religiosidade, a porcentagem foi 17,4% e checando as demais informações obtidas através da planilha, pode-se encontrar uma uniformidade de pensamentos. Temas como a retomada da ancestralidade africana, busca da religiosidade, arte, culinária e exemplos de personalidades pretas. Vale também salientar que poucas pessoas escreveram sobre a representação do preto como escravizado. Tornando atrativa a proposta inicial do MABSul que é afastar a imagem marginalizada e distorcida do preto(a) perante a sociedade atual.

O número de colaboração dos brancos se fez maior em relação a dos pretos, com uma porcentagem de 54,17% enquanto os negros tiveram sua participação com uma porcentagem de 45,84%. Já a participação de outras etnias como a indígena não se fez presente, ou seja, com um total e 0%.

4. CONCLUSÕES

Concluímos a partir dos resultados obtidos que foi utilizado um método adequado visto um número de respostas expressivo e com conteúdo passível de comparação com o que tinha sido estipulado pelos pesquisadores do MABSul.

Além disso verificou-se disparidade de participação entre pretos e brancos. Tal fato determina que ainda é necessário investir na popularidade do museu junto a população de etnia negra. A inexistente participação dos indígenas na pesquisa ação deve ser considerada e analisada. Torna-se nítida a falta de acesso destes mesmos grupos.

Por fim concluímos que os objetivos desta investigação foram alcançados, porém deveremos ainda propor outras enquetes, em outras redes sociais a fim de definir, diferentes abordagens para o acervo constituído bem como, estratégias

para atrair públicos, de forma que o museu virtual focado na história e cultura negra cumpra sua função.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORRÊA, Maristela Machado. **Sobre | Museu Afro-Brasil-Sul**. Site. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/museuafrobrasilsul/sobre/>. Acesso em: 1 set. 2020.

GARCES, Solange Beatriz Billig. Classificação e Tipos de Pesquisas. Universidade de Cruz Alta – Unicruz. Abril de 2010. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/136838529/ClassificacaoeTiposdePesquisas>. Acesso em: 02 set 2020

SANTOS, Deborah Silva. Museus e Africanidades. **Museologia & Interdisciplinaridade**, [S.L.], v. 3, n. 6, p. 287-292, 15 abr. 2015. Biblioteca Central da UNB. <http://dx.doi.org/10.26512/museologia.v3i6.16766>.